

**CLARICE LISPECTOR SOBRE A JUDAICIDADE DEPOIS DA SHOAH: UMA
LEITURA DE “PERDOANDO DEUS”.¹**

**CLARICE LISPECTOR ON JEWISHNESS AFTER THE SHOAH: A READING
OF “PERDOANDO DEUS”**

Sebastian Musch
Universidade Osnabrück, Osnabrück, Alemanha
sebastian.musch@mail.com

Bieke Willem
Universidade de Stockholm, Estocolmo, Suécia
bieke.willem@su.se

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura do conto “Perdoando Deus” (1970 – 1971) que até hoje não foi lido enquanto uma reflexão sobre a Shoah e suas repercussões sobre a identidade judaica. Nossa interpretação sustenta que deve-se fazer uma reavaliação do amplamente divulgado julgamento de que a Shoah está quase inteiramente ausente da obra de Lispector.

Palavras-chave: Lispector; Judaísmo; Holocausto; Teodiceia; Religião

Abstract: This article examines the view of the Brazilian Jewish author Clarice Lispector on the triangular relation between Jewishness, the Shoah and the chosenness of the Jewish people by combining biographical evidence with a close reading of her short story “Perdoando Deus.” Through an analysis of allegorical motifs, “Perdoando Deus” emerges as a historical, philosophical, and personal (anti)theological process. As such, this short story, mostly overlooked due to its obscurity, marks a watershed in Lispector’s oeuvre in terms of the recognition of her Jewishness — which she defines not as a religion but as an ethnic category and a collectivity of survivors.

Keywords: Lispector; Judaism; Holocaust; Theodicy; Religion

¹ Este artigo foi publicado pela primeira vez em *Partial Answers. Journal of Literature and the History of Ideas* 16.2, junho de 2018. Tradução para o português do Brasil por Flávio Aguiar. (N. do T.)

Desde há muito a fama de Clarice Lispector ultrapassou o cânone lusófono, assegurando-lhe um lugar no panteão da literatura universal. Acompanhando a tradução de suas obras para o inglês e sua ascensão ao status de pertencente ao cânone literário mundial, houve uma proliferação de sua fortuna crítica, a tal ponto que um crítico se referiu a uma “Lispector Industry” (WILLIAMS, 2005, p. 1).

Como um subgênero deste processo de industrialização, inúmeros estudos se debruçam sobre a obra da escritora brasileira em busca de traços de judaicidade, judaísmo² ou da Shoah³.

Alguns destes estudos ofereceram argumentos convincentes a respeito de casos específicos, mas o tema requer uma atenção mais minuciosa. Este artigo apresenta uma leitura do conto “Perdoando Deus” (1970 – 1971) que, para o melhor do nosso conhecimento, até hoje não foi lido enquanto uma reflexão sobre a Shoah e suas repercussões sobre a identidade judaica. Nossa interpretação sustenta que deve-se fazer uma reavaliação do amplamente divulgado julgamento de que a Shoah está quase inteiramente ausente da obra de Lispector (ver IGEL, 1997, p. 5).

Lispector como uma escritora judaica

Sobretudo no Brasil, a face judaica da escrita de Clarice Lispector permanece na sombra. Em grande parte isto se deve a sua própria insistência em sublinhar sua identidade brasileira, ao lado da ausência de um reconhecimento explícito e inequívoco de sua ascendência judia, tanto nos seus escritos pessoais quanto nas obras destinadas ao público. Os trabalhos acadêmicos que, apesar da raridade de alusões diretas, afirmam a grande relevância da judaicidade em sua obra, costumam se referir obscuramente a camadas ocultas de textualidade. Assim, a prevalência da noção de alteridade e de ideias ostensivamente cabalísticas nos seus escritos resultou numa visão de Lispector como uma “mística judaica” (VIEIRA, 1995, p. 102) ou como alguém com uma tendência para um “pensamento talmúdico” (MOSER, 2009, p. 5). Mas permanece a questão sobre até que ponto estas leituras se baseiam na leitura dos próprios textos dela. Na sua crítica aos artigos que focalizam traços ocultos de judaísmo nos escritos de Lispector, Naomi Lindstrom rejeita a prática acadêmica de ler nos textos traços “que vão muito além daquilo que pode ser demonstrado”: neste caso particular, noções difusas de judaicidade. Em outras palavras, ela critica aqueles leitores que buscam “elementos judaicos” sem serem capazes de “sustentarem suas asserções através de referências a traços precisos nos textos em tela” (LINDSTROM, 2009, p. 93). De um lado concordamos em larga escala com esta crítica de Lindstrom. Mas também pensamos que uma combinação entre a análise de textos e o contexto biográfico pode corroborar a assertiva da judaicidade de Lispector por parte dos que a defendem. Mais recentemente Edna Aizenberg ressaltou a importância da Shoah para Lispector através de uma leitura biográfica que assinala seu encontro com relatos sobre as atrocidades em 1944. Este esforço é meritório, mas fica aquém de poder se contrapor aos argumentos de Lindstrom porque não se empenha de fato na análise textual dos escritos de Lispector.

Combinando evidências encontradas na biografia de Lispector com uma análise textual (*Close Reading*) de “Perdoando Deus”, oferecemos uma interpretação que leva em conta a crítica de Lindstrom, ao mesmo tempo contribuindo para o debate sobre se e até que

² Ver, por exemplo, Wengrover Schwartz, 1991; Vieira, 1995; Moser, 2009; e Aizenberg, 2015

³ A expressão “Judaicidade” ainda não está dicionarizada nos grandes dicionários brasileiros. Porém ela vem sendo usada no nosso universo editorial já há algum tempo. Quanto ao termo “Shoah”, ele é usado na tradição do hebraico mais recente como sinônimo de “Holocausto”, referente ao programa de extermínio de judeus pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Mantivemos o termo. (N. do T.)

ponto as obras da escritora exibem “elementos” ou “traços judaicos”. Acreditamos que sua ascendência judaica é relevante pelo menos para alguns de seus últimos textos. Não apresentaremos argumentos contrários às leituras mais esotéricas de suas obras ou de sua judaicidade, mas as complementaremos com uma análise textual deste conto em particular.

Lispector nasceu na cidade de Chechelnyk, hoje na Ucrânia, mas que fazia parte da chamada “Zona de Assentamento” dos judeus na Rússia⁴.

A sua família deixou a Europa Oriental em 1921, em meio a violentos *pogroms*, rumando para o Brasil. Logo depois da chegada, ela se estabeleceu em Recife, no Nordeste do país. Quando Lispector tinha 17 anos, eles foram para o Rio de Janeiro, onde ela estudou Direito. Em 1943 ela publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, que obteve desde logo um amplo reconhecimento nacional e foi carimbado como “o melhor romance de estreia que uma mulher publicara em toda a literatura brasileira” (MOSER, 2009, p. 125). Neste mesmo ano ela casou-se com Maury Gurgel Valente, um diplomata de carreira, acompanhando-o em seus vários destinos no estrangeiro até seu retorno ao Brasil, em 1959. Lispector morreu de câncer em 1977 e seu corpo foi enterrado no Cemitério Israelita do Caju, com um funeral dentro do rito Ortodoxo (MOSER, 2009, p. 385).

O nascimento de Lispector na Zona de Assentamento dos judeus na Rússia, e seu funeral num cemitério judaico são marcos biográficos comumente aceitos para que se leiam suas obras como de uma escritora judia. Outro fator que contribuem para tal é seu interesse pela literatura cabalística e pela filosofia de Spinoza (v. VIEIRA, 1995, p. 104; e MOSER, 2009, p. 109-112, 225). Em sua primorosa biografia, Benjamin Moser destaca motivos judaicos na obra de Lispector, que ele caracteriza como “retrabalhados, disfarçados, mas inegavelmente presentes”. Isto, continua ele, “levanta a questão sobre até que ponto sua inclusão foi deliberada” (MOSER, 2009, p. 227). De fato, “Perdoando Deus”, à primeira vista um conto bastante críptico, ilumina esta questão e ainda faz ressoar a única (e portanto bastante citada) ocasião em que ela fez referência a sua judaicidade e também à Shoah:

Sou judia, você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto (COUTINHO, 1980, p. 168).

Esta citação, parte de uma entrevista feita por Edilberto Coutinho em 1976, se refere aos mesmos *topoi* que, acreditamos, foram incorporados alegoricamente por ela em “Perdoando Deus”, a saber, a relação triangular entre a judaicidade, a Shoah e o tema da eleição do povo judaico.

“Perdoando Deus”: uma crônica da percepção de Lispector sobre a shoah

Como muitos outros textos da autora, “Perdoando Deus” tem uma história editorial bastante complexa. Sua primeira publicação aconteceu em 19 de setembro de 1970, no *Jornal do Brasil*, um dos diários mais antigos do país, em que Clarice escrevia uma crônica semanal desde 1967 (MOSER, 2009, p. 286). No ano seguinte, o texto foi incluído em sua coletânea de contos *Felicidade clandestina*. Postumamente, apareceu em *A descoberta do mundo*, de 1984, uma coletânea de suas crônicas. Em 1979 o texto foi reproduzido, com algumas pequenas modificações, em *Para não esquecer*, também uma antologia das crônicas que ela escrevera para o *Jornal do Brasil*. As modificações eram de natureza sintática ou de pontuação, e eram menores. O texto tinha alguns acréscimos novos e ganhara outro título: “A

⁴ Zona de Assentamento designa uma vasta região (a atual Ucrânia) a oeste do território russo onde era permitida a residência de judeus. Em português também era chamada de Território do Acordo (N. do T.)

vingança e a reconciliação penosa”⁵.

O enredo da história é de fácil resumo: a narradora passeia por uma rua, dá com um rato morto, e a partir daí desanda numa jeremiada contra Deus. Uma leitura mais atenta revela seu caráter argumentativo e sua origem numa crônica. O que, à primeira vista, pode parecer uma divagação no estilo de uma corrente de consciência deflagrada pelo encontro com um rato morto, pode ser lido como uma reflexão equilibrada e cuidadosamente construída sobre uma percepção pessoal de Deus, da identidade judaica e de sua ligação com a Shoah. Os seis parágrafos do conto obedecem a uma ordenação cronológica que pode ser relacionada à evolução do modo como Lispector abordou estas temáticas em sua ficção: desde o silêncio e mesmo a rejeição de suas origens judaicas até sua aceitação e mesmo sua manifestação explícita.

No primeiro parágrafo, a narradora descreve um estado de pura liberdade mental. Durante um passeio pela avenida Copacabana, ela diz que “estava sendo uma coisa muito rara: livre” (LISPECTOR, 1998, p. 41). Neste primeiro parágrafo, aliás, muito curto, as palavras “livre” e “liberdade” aparecem três vezes. No segundo parágrafo, este sentimento culmina em algo ainda mais raro: uma ternura maternal em relação a Deus. “Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo” (LISPECTOR, 1998, p. 41). O terceiro parágrafo traz uma cesura na trajetória emocional da narradora. O amor, a alegria, a liberdade, a plenitude que ela sentira desaparecem abruptamente, quando ela quase pisa num enorme rato morto. A questão de por que Deus lhe faria isto emerge com urgência no quarto parágrafo: “De que estava Deus querendo me lembrar?” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Num primeiro momento, a narradora reage de modo silencioso diante do horror que vê, “com a boca infantilizada pela surpresa” (LISPECTOR, 1998, p. 42). Esta expressão evoca a imagem do *infans*, o termo psicanalítico para a criança que não é capaz de falar⁶. No parágrafo seguinte, contudo, ela decide quebrar seu silêncio: “pois então não guardarei segredo e vou contar” (LISPECTOR, 1998, p. 43), uma afirmação posta em dúvida de novo no parágrafo final, quando a narradora resume todo tipo de razão e de hipóteses de por que Deus poderia ter desejado puni-la.

O parágrafo corresponde às fases subsequentes da confrontação de Lispector com sua judaicidade e traça a evolução que vai da rejeição de suas origens judaicas e do manter-se distanciada em relação ao que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial às alusões à catástrofe da Shoah em suas últimas obras. O último romance de Lispector, *A hora da estrela*, de 1977, reelabora muitos dos motivos que discutiremos a seguir. A repetição de palavras específicas, de campos semânticos e de estruturas sintáticas justifica uma leitura alegórica do encontro com o rato como uma confrontação com a Shoah, o evento mais traumático e perturbador da história judaica.

O encontro com o rato morto

Até hoje a imagem do rato em “Perdoando Deus” foi abordada apenas superficialmente. Num breve comentário sobre “A vingança e a reconciliação penosa”, a versão ligeiramente modificada do conto, publicada em 1979, Hélène Cixous enfatiza o significado (inter)pessoal que, de modo paradoxal, é inerente à tensão entre o humano e o objeto não-humano: “O parceiro, o outro, aquele com quem surge a questão de se estabelecer uma relação de amor ao fim de uma busca muito longa, é o rato, em *A vingança e a reconciliação penosa* (CIXOUS, 1991, p. 169, tradução Flavio Aguiar). Concordando com a leitura subjetiva de Cixous, o psicanalista Dany Al-Behy Kanaan interpreta a presença do

⁵ No caso do texto original, nos valem da versão que consta em *Felicidade Clandestina*, de acordo com a versão publicada pela Editora Rocco, do Rio de Janeiro, em 1998.

⁶ De *in-* e *fari*, do latim para “falar”.

animal como tudo aquilo que foi reprimido mas cujo retorno pode ser deflagrado por um evento trivial. Segundo ele, o encontro com o rato morto “funciona como uma espécie de disparador de subjetivação, em que uma questão no plano pessoal assume, pelo processo reflexivo, um caráter universal [...]” (AL-BEHY KANAAN, 2002, p. 114). Entretanto o que este caráter universal deve significar permanece obscuro.

Fernando de Mendonça e Maria do Carmo de Siqueira Nino dão um passo além, ao verem a figura grotesca do rato morto como deflagradora de uma epifania que renova a relação entre o ser humano e Deus (MENDONÇA; NINO, 2012, p. 244). Levantando a questão sobre o porquê de ser especificamente um rato que fornece a revelação da verdade a respeito do divino, os dois autores observam a existência de uma livre associação com o inferno e de uma referência ao restabelecimento de uma harmonia cósmica e pessoal. Em seu estudo sobre o misticismo de Lispector, Agustina Garcia Manzano (2014, p. 253) associa o rato com pestes e desastres, mas não especifica a que catástrofe Lispector pode estar se referindo em seu conto.

Propomos a leitura do rato morto como uma metáfora da Shoah. Nenhuma das abordagens deste conto feitas até o momento levou em conta esta possibilidade, o que é surpreendente, dado que a associação de ratos com judeus tem uma longa história e encontrou seu repulsivo clímax no filme de propaganda *Der ewige Jude* (v. MULMANN, 2012, p. 89n; FRIEDMAN, 1989, p. 26). Em “Perdoando Deus” este motivo pode apontar para a história do antissemitismo e da desumanização do povo judeu. Graças a esta premissa de se ver o rato morto como uma metáfora da Shoah, alguns aspectos do conto, antes opacos, adquirem significação e possibilitam que vejamos “Perdoando Deus” como uma tentativa de Lispector no sentido de acertar suas contas com a judaicidade em geral à sombra da Shoah, e com a sua própria judaicidade em particular. Estes aspectos incluem a localização do conto, a referência a cegueira, a insistência sobre a cor do rato e a recorrência da palavra “sangue”.

A primeira frase situa “Perdoando Deus” em Copacabana. Esta é a primeira pista, pois este bairro do Rio de Janeiro abriga uma grande comunidade de judeus com ascendência Ashkenaz e também, as mais importantes instituições judaicas da cidade. Durante a Segunda Guerra Mundial o influxo de judeus provindos da Europa Oriental fez com que ela fosse chamada muitas vezes de “Copacabanovich”.

Em segundo lugar, a narradora descreve a si mesma como “cega(da)”⁷, o que a diferencia de outros passantes na avenida. Isto lembra a iconografia cristã da Idade Média, que representava a sinagoga alegoricamente como uma mulher de olhos vendados (v. BARASCH, 2002, p.78-84). A imagem do judeu cego, incapaz de ver a verdade dos ensinamentos de Jesus Cristo, muitas vezes andou de mãos dadas com a imagem de teimosia, obstinação (v. OBERMAN, 1989, p. xi-xxv; xxiv), que a narradora usa a respeito de si mesma⁸.

Na descrição do rato, há uma insistência chamativa sobre a sua cor: “um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados e morto, quieto, ruivo” (LISPECTOR, 1998, p. 42). A reiteração da palavra *ruivo* no começo e no fim da referência a ele parece se referir à associação estereotipada do cabelo ruivo aos judeus. Isto remonta ao livro do Gênesis, 25:25, quando Esaú é descrito, pela primeira vez, como ruivo (“E saiu o primeiro ruivo e todo como um vestido cabeludo; por isso chamaram o seu nome de Esaú”⁹).

O rei Davi e Judas Iscariotes também são descritos ou pintados como tendo cabelo ruivo. Além disto, na Idade Média e no começo dos tempos modernos a lenda dos “Judeus Vermelhos” ganhou popularidade e foi muitas vezes associada a expectativas apocalípticas (v.

⁷ “Cega entre as pessoas” e “cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver” (LISPECTOR, 1998, p. 42).

⁸ “Pois sou muito teimoso” (LISPECTOR 1998, 44)

⁹ Trad. de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, (1945, p. 26) (N. do T.)

GOW, 1995). Deste modo a vermelhidão tornou-se a cor do Outro, talvez o Judeu, remetendo à longa história do antissemitismo, da construção da alteridade e do bode expiatório que antecedeu a Shoah.

Finalmente, o sangue prestou-se desde há muito a uma imaginária demarcação da diferença entre judeus e não-judeus. Baseada numa “calúnia sanguinolenta”, a ideia de que os judeus usavam sangue de cristãos em seus rituais, disseminada desde os tempos medievais, o antissemitismo moderno e racial considerava o sangue como o que distingue fundamentalmente os judeus dos seus vizinhos (BIALE, 2007, p. 162n). Muitos pensadores e alguns escritores judaicos se valeram desta noção da diferença pelo sangue, podendo reafirmá-la ou subvertê-la. Lispector joga com esta imagem em “Perdoando Deus”:

De que Deus estava querendo me lembrar? Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue. Não só não esqueço o sangue dentro como eu o admito e o quero, sou demais o sangue para esquecer o sangue, e para mim a palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido (LISPECTOR, 1998, p. 42).

O sangue é, lembremos mais uma vez, um símbolo da alteridade, da alteridade judaica. Sua insistência em que nem a “palavra espiritual”, que aponta para o judaísmo como religião, nem a “palavra terrena”, que talvez possa apontar para o nacionalismo judaico e o Estado de Israel, têm qualquer significado para ela, permite a Lispector afirmar a sua judaicidade (tão somente) como uma categoria étnica, porque “sou demais o sangue para esquecer o sangue” (LISPECTOR, 1998, p. 42).

A combinação destes motivos aponta para o que pensamos ser a trama “oculta” deste conto alegórico, a saber, a apropriação, por parte da autora, da sua judaicidade, nesta altura da sua vida. “Perdoando Deus” prefigura seu rompimento com o silêncio que cercou tanto sua ascendência quanto a destruição das comunidades das quais descende. Isto pode explicar a reação exagerada da narradora depois que ela quase pisa no rato: “Toda trêmula, consegui continuar a viver. Toda perplexa continuei a andar” (LISPECTOR, 1998, p. 42). De novo, nesta passagem chama nossa atenção o processo de repetição, desta vez de uma estrutura sintática. Por duas vezes seguidas a narradora se apresenta como uma sobrevivente.

Ser uma sobrevivente é parte da própria identidade da autora. Tendo deixado a Europa Oriental na condição de uma criança judia, e tendo viajado pela Europa durante a Segunda Guerra Mundial com um passaporte brasileiro, Lispector percebe a si mesma como uma sobrevivente da Shoah, embora nunca tenha de fato sequer chegado perto dos campos de concentração. Terrivelmente amedrontada pelas circunstâncias de que tomou consciência, apesar de tudo Lispector, como a narradora do conto, conseguiu continuar a andar e a viver. Em outras palavras, a autora parece assumir sua identidade judaica através de sua própria definição como uma sobrevivente. Além disto, sua insistência em caracterizar a narradora como uma sobrevivente parece ser uma estratégia textual para encorajar uma leitura biográfica de “Perdoando Deus”. Este conto enigmático, que muitas vezes passa despercebido graças a seu caráter obscuro, pode então vir à luz como um testemunho de Lispector sobre sua judaicidade e sobre as razões de seu silêncio prévio a respeito da Shoah.

A judaicidade e o nexa entre deus e a catástrofe

Segundo nossa interpretação, a Shoah deixou Lispector muda, “com a boca infantilizada pela surpresa”. 25 anos antes de escrever o conto, a autora confirmou sua mudez numa carta para sua irmã, Tania, escrita desde Berna, na Suíça, pouco depois do término da Segunda Guerra Mundial:

O que tem me perturbado intimamente é que as coisas do mundo chegaram para mim a um certo ponto em que eu tenho que saber como encará-las, quero dizer, a situação de guerra, a situação das pessoas, essas tragédias. Sempre encarei com revolta. Mas ao mesmo tempo que sinto necessidade de fazer alguma coisa, sinto que não tenho meios. Você diria que eu tenho, através do meu trabalho. Eu tenho pensado muito nisso e não vejo caminho, quer dizer, um caminho verdadeiro. Talvez eu não esteja vendo o problema maduro, pode ser que a solução venha daqui a anos, não sei. (LISPECTOR, 2007, p. 114; AIZENBERG, 2015, p. 38)

Em “Perdoando Deus” Lispector tenta superar sua aversão (no texto ela fala em “revolta”) e confrontar-se com o problema que afinal tornou-se “maduro”; a autora o resume em poucas quatro páginas e meia. “Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentira minutos antes e o rato”, diz a narradora, “[m]as era inútil. Pelo menos a contiguidade ligava-os. Os dois fatos tinham illogicamente um nexos” (LISPECTOR, 1998, p. 42). O nexos entre, de um lado, a sensação de plenitude, liberdade, ternura maternal em relação à criação de Deus, e, do outro, a catástrofe da Shoah, jaz na judaicidade de Lispector. Se num primeiro momento ela se sentia como se pudesse celebrar livremente a criação (“pensava que, somando as compreensões, eu amava” (LISPECTOR, 1998, p. 43)), sem ser incomodada pelas restrições da religião judaica, descrita como um “amor solene [...] que ritualiza a incompreensão e a transforma em oferenda” (LISPECTOR, 1998, p. 44), em seguida ela é jogada violentamente de volta para suas raízes, que não podem ser separadas da Shoah.

No parágrafo final, que é extremamente enigmático, Lispector reformula o problema que a assombra:

Então, pois, que eu use o *Magnificat* que entoa às cegas sobre o que não se sabe nem vê. E que eu use o formalismo que me afasta. Porque o formalismo não tem ferido a minha simplicidade, e sim o meu orgulho, pois é pelo orgulho de ter nascido que me sinto tão íntima com o mundo, mas este mundo que eu ainda extraí de mim de um grito mudo. (LISPECTOR, 1998, p. 44).

As primeiras duas sentenças se referem de novo à relação antitética entre os dois momentos, descritos alegoricamente no começo do conto: por um lado, a canção em que Maria louva o Senhor por tê-la escolhido para ser a Mãe de Deus e pelas *mercês* concedidas a Israel; por outro lado, o formalismo da religião judaica, que foi imposta a ela por ter nascido numa família de judeus, da qual ela tentou escapar com “um grito mudo”. Durante toda sua vida, contudo, o extermínio dos judeus na Europa e a lembrança disto através do antissemitismo cotidiano forçaram Lispector a ver sua própria identidade como inseparável das suas raízes judaicas.

Lispector, afinal, alcança “as coisas do mundo”, “a situação da guerra, a situação das pessoas, essas tragédias”, que ela menciona na carta para a irmã, mas só consegue integra-las em sua própria obra ao olhar para dentro de si e, em consequência, afastar-se do mundo exterior. As razões que a narradora invoca para o aparecimento do rato morto são todas muito pessoais: a sua fraqueza, a sua cegueira, a sua teimosia, a sua ingenuidade, a sua tenacidade, o seu orgulho, a sua incapacidade de se contentar com uma dada realidade. Não há uma única referência a qualquer forma de coletividade, como uma etnicidade judaica compartilhada, naquele vertiginoso parágrafo final; tudo gira em torno da primeira pessoa do singular, “minha natureza” (LISPECTOR, 1998, p. 44), “minha alma” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Ao fim e ao cabo o rato se torna tanto uma imagem do Outro (“meu contraponto” (LISPECTOR, 1998, p. 42)) quanto dela mesma (“Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala” (LISPECTOR, 1998, p. 44)).

“Enquanto eu inventar Deus, ele não existe”. Amor e teodiceia depois da Shoah

Devido ao foco excessivamente jogado sobre o último e mais longo parágrafo sobre o eu da narradora, algumas interpretações do conto (p. ex., as de Cixous e Lowe)¹⁰ sublinham o seu conteúdo afetivo. Desenvolvendo o breve comentário de Cixous sobre “A vingança e a reconciliação penosa”, acima citado, seria possível associar ambos, o rato e Deus, em “Perdoando Deus” com o parceiro de uma relação amorosa e ler a narrativa como a luta por parte da narradora para manter sua independência depois de ter se apaixonado loucamente por alguém (CIXOUS, 1991, p. 169). Com tal perspectiva em vista, o amor solene e formalizado nada teria a com religião (judaica), mas simplesmente seria uma referência às restrições sociais (casamento) impostas a uma relação amorosa. A última sentença do conto, “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe” (LISPECTOR, 1998, p. 44), se transforma, assim, num mero incentivo para que a narradora pare de procurar o parceiro ideal.

Entretanto esta interpretação não leva em conta o fato de que a narradora se caracteriza como uma sobrevivente, ou com as referências a sua infância no quarto parágrafo. Apesar do tom subjetivo que a narrativa assume no final, deve-se ler o último parágrafo dentro de uma moldura mais coletiva, a saber, como uma mediação da noção dos judeus como o povo eleito.

De acordo com as afirmações de Lispector sobre este ponto, na entrevista dada a Coutinho, em primeiro lugar os judeus nunca foram “eleitos”, porque o fato histórico da Shoah demonstraria que os alemães também o teriam sido, a saber, para destruir o povo judeu. Seguindo esta linha de pensamento, “Perdoando Deus” menciona a possibilidade de um Deus de espírito maligno, capaz de delinear tal roteiro perverso. A narradora se queixa: “A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto”. (LISPECTOR, 1998, p. 43). Como Lispector fez na entrevista de 1976, o texto formula esta queixa como uma teodiceia questionadora: “Enquanto eu imaginar que ‘Deus’ é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando nada: será apenas o meu modo de me acusar” (LISPECTOR, 1998, p. 45). Isto sugere que, se Deus é bom, então a Shoah deve ser considerada como uma punição infligida ao povo judeu. Assim os alemães se tornam os “eleitos” como um instrumento desta punição divina. A narradora é assombrada por esta escolha: ou amar a Deus e aceitar a Shoah como uma punição, ou a condição de uma pessoa que ama a si mesma, aceita a si mesma, e vê a Shoah como a abnegação da existência de Deus. Na última sentença, a narradora faz uma escolha e se assegura: “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe”. Assumir que Deus é apenas uma invenção permite que ela eluda as repercussões teológicas da Shoah. Aceitar (ou “amando”, como diz a narradora) a si mesma depois da Shoah, como uma judia significa libertar-se de Deus. O povo judeu não é mais definido pela eleição ou por seu Deus, mas sim pela Shoah: não como uma religião, mas como um povo, uma coletividade de sobreviventes. Ao mesmo tempo, pondo de lado a religião comunitária permite a Lispector abrir um espaço para uma experiência religiosa pessoal. Em verdade, incapaz de negar a sua ascendência judaica, ela desejou substituir (o Deus d’) o Judaísmo pela sua própria combinação entre o misticismo judaico, a crença católica popular e o esoterismo alegórico.

“Perdoando Deus” pode ser lido como um processo histórico, filosófico, pessoal e (anti)teológico. “O pavor que desde pequena me alucina e persegue” (LISPECTOR, 1998, p. 42) é uma alusão, neste sentido, à Shoah e à persistência de sua pulsão poderosa, o

¹⁰ “‘Perdoando Deus’ (19 de setembro de 1970) é um conto kafkiano sobre uma mulher que [...] chega a se dar conta de que ela deve amar o que houver para amar, ao invés de amar o que ela escolher para amar. Esta nova maneira de amar inclui amar a si mesma e a descoberta, através desta narrativa questionadora, de que se deve amar a si próprio antes de que seja possível amar a Deus”. (LOWE, 2012-2013, p. 165).

antisemitismo. O texto parece até clarividente a este respeito: em 1973, apenas alguns anos depois que “Perdoando Deus” fora publicado pela primeira vez no *Jornal do Brasil*, Lispector e vários outros jornalistas judeus foram demitidos do periódico, o que claramente sugere um ato de antisemitismo (v. VIEIRA, 1995, p. 4). Portanto, circunstâncias históricas, como uma onda de antisemitismo no começo dos anos 70, depois de um período de florescimento relativo e integração da comunidade judaica na sociedade brasileira, podem explicar a súbita preocupação da escritora com suas raízes e sua ligação com a Shoah. É claro que este link entre vida e obra permanece hipotético. Entretanto, alguns anos depois de sua demissão do jornal, em seu último romance, *A hora da estrela*, ela aborda a questão da identidade judaica de maneira semelhante. Também aqui a noção de sobrevivência vira um pilar da judaicidade. A personagem inicialmente sem nome, uma jovem pobre do Nordeste brasileiro, onde Lispector cresceu, recebe o nome de Macabéa, o que evoca a história judaica:

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca – o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – [...]. (LISPECTOR, 1977, p. 51)

Nesta passagem, Lispector delineia um processo de construção de uma identidade judaica. Na primeira parte do romance, a personagem não tem nome. Dar-lhe um nome, com base na sobrevivência e num voto a uma figura do catolicismo, Nossa Senhora da Boa Morte, confere-lhe a marca da alteridade¹¹. Como em “Perdoando Deus”, a mudança da protagonista pode ser lida como paralela a da própria biografia da autora. Ela sobreviveu à Shoah porque conseguiu emigrar para um país majoritariamente católico em que ela, devido a seu nome, sua atitude, sua voz, sua ascendência estrangeira, permaneceu sempre como pertencente ao reino da alteridade.

Macabéa, mais tarde, vai ansiar por sua falta de nome, sua liberdade antes de ser confrontada com sua alteridade. No fim do romance, como uma lembrança da realidade duradoura da Shoah, ela é atropelada por um carro de fabricação alemã. Para Lispector, a Shoah também era uma realidade da qual não podia fugir. “Perdoando Deus” pode ser lido como o delineio alegórico que leva a esta constatação e antecipa o romance final da autora. As temáticas do conto – a mudez, a sobrevivência e a alteridade – estão inextricavelmente ligadas às suas raízes judaicas e ao judaísmo em crise (WALDMAN, 1998, p. 104). Neste sentido, “Perdoando Deus” marca um divisor de águas na obra de Clarice Lispector: o conto captura o reconhecimento final de que sua história e sua ascendência a impediram de realizar completamente seu desejo de parecer brasileira.

¹¹ A referência a uma doença de pele suporta nossa leitura desta passagem como uma referência à construção de uma identidade judaica, pois a associação dos judeus com doenças de pele é um *topos* comum do antisemitismo (v. GILMAN, 1991, p. 100).

Referências

- Aizenberg, Edna. *On the Edge of the Holocaust: The Shoah in Latin American Literature and Culture*. Waltham: Brandeis University Press, 2015.
- Al-Behy Kanaan, Dany. *Escuta e subjetivação: A escritura de pertencimento de Clarice Lispector*. João Pessoa: Casa do Psicólogo, 2002.
- Barasch, Moshe. *Blindness: The History of a Mental Image in Western Thought*. London: Routledge, 2002.
- Biale, David. *Blood and Belief: The Circulation of a Symbol between Jews and Christians*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- Cixous, Hélène. “The Author in Truth.” In: Cixous, Hélène; Jenson, Deborah (Eds). *‘Coming to Writing’ and Other Essays*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991, p. 136–81.
- Coutinho, Edilberto. “Uma mulher chamada Clarice Lispector”. In: Coutinho, Edilberto. *Criaturas de papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL, 1980, p. 165– 70.
- Friedman, Régine-Mihal. “Juden-Ratten — Von der rassistischen Metonymie zur tierischen Metapher in Fritz Hipplers Film ‘Der Ewige Jude.’”. *Frauen und Film*, [s.l], n.47. 1989, p. 24–35.
- Gilman, Sander. *The Jew’s Body*. New York: Routledge, 1991.
- Gow, Andrew Colin. *The Red Jews: Antisemitism in the Apocalyptic Age, 1200–1600*. Leiden: Brill, 1995.
- Igel, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros*. Sao Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- Lesser, Jeffrey. *Welcoming the Undesirables: Brazil and the Jewish Question*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- Lindstrom, Naomi. “Judaic Traces in the Narrative of Clarice Lispector.” In: Foster, David William (Ed). *Latin American Jewish Cultural Production*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2009, p. 83–96.
- Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Botafogo: Editora Nova Fronteira, 1977.
- Lispector, Clarice. *Minhas queridas*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007
- Lispector, Clarice. “Perdoando Deus.” In: Lispector, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 41–45.
- Lowe, Elizabeth. “Clarice Lispector and the Art of the Crônica.” *Ninth Letter*, [s.l], n. 9, v.2, 2012–2013, p. 163–65.

Manzano, Agustina García. *Morder las estrellas: El misticismo de Clarice Lispector*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2014

Mendonça, Fernando de; Nino, Maria do Carmo de Siqueira. “Notas sobre um rato morto: O grotesco e o divino em Clarice Lispector.” *Ipotesi*, [s.l], n.16, 2012, p. 239–47.

Moser, Benjamin. *Why This World: A Biography of Clarice Lispector*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Mulman, Lisa Naomi. *Modern Orthodoxies — Judaic Imaginative Journeys of the Twentieth Century*. New York: Routledge, 2012.

Oberman, Heiko A. “The Stubborn Jews: Timing the Escalation of Antisemitism in Late Medieval Europe.” *Leo Baeck Year Book*, [s.l], n. 34, 1989, p. xi–xxv.

Vieira, Nelson H. *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*. Gainesville: University of Florida Press, 1995.

Waldman, Berta. “O Estrangeiro em Clarice Lispector: Uma Leitura de *A Hora da Estrela*.” In: ZILBERMAN, Regina *et al* (Eds). *Clarice Lispector: A narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p. 93–104.

Wengrover-Schwartz, Esther. “La ética cabalística de Clarice Lispector.” In: Finziet, Patricia (Ed). *El imaginario judío en la literatura de América Latina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Shalom, 1991, p. 143–47.

Williams, Claire. “The Star of the Hour: The Lispector Industry.” *Journal of Romance Studies*, [s.l], n. 5, 2005, p. 115–22.

Recebido em: 28 de julho de 2019

Aceito em: 18 de outubro de 2019

Publicado em: Dezembro de 2019